***Capítulo 4 – O Confronto com a Demons***

A floresta parecia morta.  
Não havia canto de aves, nem sussurros do vento — apenas um silêncio envenenado, cortado por um cheiro metálico no ar, como sangue seco sobre ferro oxidado.

E então... ele apareceu.

Entre as árvores retorcidas, uma sombra caminhava como se o mundo ao seu redor murchasse em sua presença.  
Seus olhos — vermelhos como brasas acesas no fundo do inferno — brilhavam com uma raiva silenciosa.  
Sua pele era escura como carvão queimado, os cabelos crespos e desgrenhados pareciam serpentes presas ao crânio. Os dentes, pontiagudos; as unhas, negras e alongadas como garras.  
Um sobretudo negro cobria seu corpo como um manto de trevas.

Macuso.  
Classe-S.  
Um dos executores da Sociedade Demons — organização que muitos julgavam extinta, mas que agora mostrava seus dentes novamente.

Do outro lado da clareira, Masuke caminhava firme.

À sua esquerda, Drakom, o meio-dragão, rosnava baixo.

À direita, Shizuke, sereno como a tempestade prestes a romper.

O ar pesava. A natureza segurava o fôlego.

*— Quem é você?* — Masuke perguntou, firme como aço.

A resposta veio seca, arranhando a garganta do mundo:

*— Macuso.*

Ele ergueu o rosto e os olhos escarlates analisaram os três à sua frente, como quem escolhe a carne mais tenra no matadouro.

*— E vocês?* — indagou, sem emoção.

Masuke não respondeu. Apenas levantou a mão.

*— Ataquem.*

Shizuke sorriu de canto, girando o tridente com maestria.

*— Que assim seja.*

Drakom se abaixou como um animal prestes a saltar.

*— Tch. Vai ser divertido.*

Os três avançaram como uma avalanche negra.

Mas Macuso apenas soltou um suspiro entediado.

*— Tsk...* — cuspiu a palavra com desprezo.

E no instante seguinte... sumiu.

Shizuke, Drakom e Masuke colidiram entre si como meteoros desencontrados.

Macuso reapareceu atrás deles, com os braços cruzados, olhando com tédio.

*— São esses os pirralhos da MDAL... que invadiram PHENIX esses dias para trás? Patético.*

A floresta se contorcia ao redor da clareira como se tivesse consciência do que estava prestes a acontecer.

As sombras dançavam entre as árvores mortas, fugindo da presença dele.

Macuso.

Permanecia imóvel, olhos vermelhos cravados nos três.

O ar ao redor tremia como se o mundo recusasse a tocar sua pele.

Ele não se movia por cautela.

Se movia por desprezo.

Então, a MDAL atacou.

Shizuke avançou pela lateral com o tridente girando como hélices de aço. Drakom veio pelo alto, com as escamas brilhando e os punhos cerrados como martelos. Masuke cortou pelo centro, veloz como uma lâmina.

Macuso fechou os olhos.

O tempo pareceu desacelerar.

Com um giro quase casual, ele se inclinou para trás, evitando a investida de Shizuke.

Com o calcanhar, desferiu um chute ascendente na mandíbula de Masuke, quebrando-lhe o equilíbrio.

No mesmo movimento, girou o corpo e cravou o cotovelo no estômago de Drakom com força animalesca.

O sangue espirrou.

As costelas trincaram.

**Silêncio.**

Macuso aterrissou com perfeição, como se tivesse dançado.

Shizuke tentou retomar a ofensiva. Tridente em riste, perfurou o ar com maestria.

Mas Macuso simplesmente *desapareceu*.

E quando reapareceu, estava atrás do guerreiro aquático, com os dedos já cravados na nuca dele.

Shizuke foi lançado contra uma árvore com violência brutal.

Tronco rachado. Sangue escorrido. Quase desmaiado.

Masuke reapareceu em um salto, os olhos queimando de concentração.

Desferiu três golpes em sequência com sua foice, com tanta força e velocidade que era impossível ser previsto.

Todos bloqueados.

Macuso segurou o último ataque com uma só mão.

Sem dizer uma palavra, puxou Masuke para si e o acertou com uma cabeçada seca — crânio contra crânio.  
O sangue jorrou do supercílio de Masuke.

Ele caiu de joelhos, atordoado.

Drakom rugiu das sombras.

Seus braços se envolveram em energia vermelha flamejante.

*— DRAISON!*

Um projétil de puro poder foi lançado como um cometa rubro.

Macuso, sem se mover, ergueu um dedo.

Silêncio.

O ataque parou no ar. Vibrava, instável.

E então... explodiu em cima de Drakom.

O chão estremeceu. As árvores tombaram. Drakom foi lançado como um boneco, atravessando três troncos antes de desabar.

Macuso caminhou entre os destroços com tranquilidade.

Masuke tentava se levantar. Um joelho firme, a respiração pesada. Sangue no canto da boca.

Shizuke cuspiu terra, tentando se arrastar com o tridente ainda em mãos.

Drakom arfava, entre os escombros.

Macuso, de pé diante dos três, não tinha um único arranhão.

Ele olhou para baixo, sem piedade, sem pressa. E finalmente falou, voz tão gélida quanto a morte:

*— Vocês lutam com coragem.*

Mas coragem não muda o destino.

Ele ergueu a mão.

A floresta escureceu de vez.

A sombra começou a engolir o chão.

Drakom tentou escapar pela lateral, cambaleando entre os destroços da floresta.

*— Já vou, galera!* — gritou, desesperado.

Mas uma silhueta se materializou em sua frente. Rápida demais. Precisa demais.

Macuso.

*— Acho que não...*

Ele abriu lentamente o olho esquerdo — e ali havia algo não-humano.

*O Olho da Destruição.*

Um halo vermelho-púrpura se expandiu em silêncio, e em seguida uma onda invisível de pura agonia envolveu o corpo de Drakom. Ossos estalaram. Veias saltaram. Gritos ecoaram pela floresta.

*— AAAAAARGHHH!!*

Drakom tombou sem resistência. Os olhos revirados. Sangue escorrendo dos ouvidos. Um guerreiro quebrado.

Macuso olhou para o corpo caído com desdém. Estava prestes a esmagar o crânio com o calcanhar quando algo... mudou.

O chão tremeu.

Uma energia antiga e impura vazava da cratera aberta antes.

Sombras serpenteavam o solo como vermes vivos.

Então eles surgiram.

Masuke e Shizuke se ergueram — não como homens..., mas como algo entre demônio e soldado.

Pele marcada por veios negros. Chifres curvos brotando das testas. As unhas agora afiadas como garras demoníacas.

Seus olhos perderam toda a humanidade.

A aura que os envolvia pulsava... faminta.

Shizuke ainda segurava o tridente, mas agora ele vibrava com energia caótica.

Masuke caminhava lentamente, o rosto impassível, a voz mais grave, distorcida.

*— Transformação... completa.*

Shizuke soltou um sussurro rouco, como um eco vindo do abismo:

*— Que sensação... deliciosa.*

Macuso estreitou os olhos.

*— Isso não é energia humana...*

Ele deu um passo para trás.

*— ...o que vocês fizeram?*

A floresta se calou. As árvores secaram. O chão começou a rachar.

*A Técnica Proibida.*

Poucos ousavam sequer sussurrar sobre ela.

Mas a MDAL havia ativado.

*Pelo preço de suas almas.*

A sombra que envolvia Masuke se tornou mais espessa. Ele sumiu da visão humana, reaparecendo atrás de Macuso num piscar de olhos, garras erguidas.

Macuso reagiu por instinto. Bloqueou com o antebraço, mas foi lançado trinta metros para trás, atravessando uma pedra.

Shizuke não deu tempo.

Disparou o tridente como uma lança viva.

Macuso rolou, o projétil cortando o ar como um raio negro.

A arma cravou no solo, abrindo uma fissura flamejante.

Pela primeira vez, Macuso sangrou.

A ponta da sobrancelha havia sido arrancada.

Um filete de sangue escarlate escorreu.

Ele tocou o ferimento.

Olhou o sangue nos dedos.

Sorriu.

*— Então vocês decidiram brincar com fogo verdadeiro...*

*— Muito bem.*

A aura de Macuso começou a se expandir.

*— Então que tudo queime.*

O tridente cortou o ar como um raio feito de aço vivo.

Shizuke o lançou com precisão sobrenatural, enquanto Masuke materializava uma foice colossal feita de energia negra pulsante — a própria escuridão condensada em lâmina.

Os dois avançaram juntos.

*Sincronia absoluta.*

A barreira demoníaca que envolvia Macuso se rompeu com um rugido seco.

A pressão foi tamanha que o chão ao redor estalou como vidro.

Macuso tentou revidar com um chute giratório no rosto de Masuke.

Mas desta vez...

Não funcionou.

Masuke segurou o pé no ar com uma mão só, o olhar fixo como de um predador calmo.

*— Lembra desse movimento...?*

Sem hesitar, girou o corpo e arremessou Macuso ao céu com força devastadora.

Shizuke não perdeu tempo.

Saltou. Tão rápido que virou um borrão.

Acertou um soco direto no rosto de Macuso no ar — a força foi tão brutal que o Deminio despencou como um meteoro envenenado, destruindo tudo ao redor na queda.

*Explosão.*

*Poeira.*

*Silêncio.*

Masuke se aproximou da cratera, e Shizuke pousou ao lado, arfando com um sorriso breve de vingança.

Mas, no fundo da cratera... ele ria.

Macuso estava de pé.

Sangrando.

Enfurecido.

Os olhos transbordando uma energia demoníaca que parecia liquefazer o ar.

*— DESGRAÇADOS...!*

A voz dele soou em todas as direções.

*— VÃO PAGAR POR ISSO COM SUAS MENTES!*

Ele ergueu os braços. As veias em seu corpo brilharam em vermelho púrpura.

*— SHIZUREM. MASUREM.*

As palavras não eram só nomes. Eram maldições.

E então... tudo sumiu.

A floresta desapareceu. O chão se dissolveu. O ar virou um líquido viscoso.

Masuke e Shizuke abriram os olhos — e estavam sozinhos, indefesos, em um campo de trevas líquidas que sussurravam memórias dolorosas.

A transformação havia desaparecido.

A força se foi.

Uma presença esmagadora pairava sobre eles.

A voz de Macuso ecoou dentro de suas mentes como uma lâmina quente cortando carne:

*— Ilusão das Trevas: Destruição Mental.*

— Aqui... eu controlo tudo.

Do vazio, surgiram espelhos feitos de carne e sombra.

Reflexos distorcidos.

Masuke matando Shizuke.

Shizuke estripando Drakom.

Drakom degolando Masuke.

Mentiras.

Imagens.

Pesadelos.

Mas ali... pareciam reais.

A dor era real.

O sangue quente escorria.

Os gritos ecoavam dentro da alma.

*— Agora... matem-se.*

As vozes internas dos dois começaram a tremer. O corpo respondia sozinho. As mãos trêmulas buscavam armas que não existiam... ou pior: formavam garras novamente.

Macuso assistia tudo do mundo real.

Parado.

Sorrindo.

Como um Deus perverso que saboreia o colapso de seus brinquedos.

As mãos tremeram. Mas não de medo. De sobrecarga.

As auras negras que envolviam Masuke e Shizuke estavam à beira do colapso.

Demasiado poder, tempo demais.

Os dois se encararam — sem palavras. O olhar de Shizuke dizia tudo: *"Se não nos controlarmos agora... viramos monstros de verdade."*

A energia distorcida em torno de ambos oscilava como uma tempestade prestes a rasgar a realidade. As veias saltavam, os chifres latejavam, as garras brilhavam com o fogo da danação.

Macuso observava, entediado.

— Vamos... matem-se. Mostrem que são só aberrações disfarçadas de heróis.

Masuke rangeu os dentes. Shizuke afundou os pés no solo.

Eles avançaram.

Não um contra o outro. Mas contra a própria insanidade.

Quando as auras colidiram — não houve golpe.

Houve um rasgo na atmosfera.

Um grito do mundo.

O impacto foi tão violento que a floresta ao redor se calou. A explosão foi muda, mas esmagadora. Um clarão negro-púrpura consumiu tudo.

Luz nenhuma escapou.

Do centro do caos...

Shizuke caiu.

O corpo tombou como um peso morto. Exausto. Vazio. Seu peito ainda subia e descia, fraco. Mas ele havia cruzado o limite.

Masuke voltou ao normal, permaneceu de pé, o corpo trêmulo, sangue pingando dos olhos e o símbolo MDAL parcialmente queimado em sua capa.

Ele olhou para Macuso — que agora avançava lentamente, com um sorriso torto.

*— Chega de brincadeiras.*

A voz de Macuso agora soava como algo saído de um abismo.

*— Hora de arrancar sua cabeça.*

Masuke cerrou os punhos em suas foices. O ar em volta distorceu.

E então ele sussurrou... algo que o mundo não deveria ouvir:

*— Masurengan.*

Chamas negras cobriram seus olhos.

Não era só energia.

Era ódio cristalizado.

Fúria. Culpa. Medo. Luto.

Tudo aquilo que Masuke sempre reprimiu — agora, queimando com chamas sombrias.

Ele lançou.

Macuso tentou escapar.

Mas não teve tempo.

As chamas o *engoliram.*

Chamas negras lamberam seu corpo, corroendo não só a carne, mas a alma.

Ele caiu de joelhos, gritando enquanto partes de sua pele evaporavam como papel queimado.

Masuke não esperou.

Carregou Shizuke no ombro e sumiu nas sombras, sangrando, quase caindo.

A floresta começou a reconstruir o silêncio.

No centro da clareira, Macuso se ergueu.

Chamuscado. Ofegante. Mas vivo.

Seus olhos, antes vermelhos, agora brilhavam branco-acinzentado.

*— Masurengan, hein...?*

*— Isso... foi interessante.*

Ele olhou ao redor.

*— Onde eles foram?*

A resposta veio apenas com o som do vento.

A floresta estava em ruínas.

O chão, marcado por crateras e cortes.

O ar, denso como fumaça de guerra.

Masuke surgiu entre as sombras — o corpo coberto de arranhões, a respiração acelerada.

Mas os olhos… intactos. Determinados.

Em cada mão, uma lâmina.

À direita, sua lendária Foice Negra, selada com as memórias da morte.

À esquerda, uma criação viva de matéria escura — a Foice Abissal, recém-formada, ainda pulsando, como se tivesse vontade própria.

Macuso o aguardava ao centro da clareira, o corpo parcialmente queimado pela Masurengan, mas o sorriso ainda no rosto.

— Agora sim, garoto... agora você sangra como homem.

Masuke avançou.

E a floresta explodiu em movimento.

O som de foices cortando o ar se misturava aos trovões.

Macuso esquivou do primeiro golpe com um giro seco e respondeu com uma sequência de socos brutais — um direto, um gancho, uma cotovelada.

Masuke desviou do primeiro, bloqueou o segundo com o cabo da Foice Negra, e o terceiro ele aceitou, para em seguida rasgar a carne do braço de Macuso com a Foice Abissal.

Sangue escorreu.

Macuso não recuou. Riu.

Eles colidiram de novo.

Pele contra lâmina. Lâmina contra osso. Dente contra punho.

Masuke girava as foices como se dançasse com a própria morte.

Uma delas bloqueava.

A outra atacava com brutalidade.

Macuso rebatia com os cotovelos, joelhos e chutes precisos — seu estilo era sujo, animalesco, técnico.

Um chute giratório acertou o ombro de Masuke — o estalo seco indicou deslocamento.

Mas ele não parou. Girou o corpo e cravou a Foice Abissal na coxa de Macuso.

Ambos tombaram.

Ambos se ergueram.

Suados. Rasgados. Ensanguentados.

A foice de matéria escura agora vibrava em sincronia com o coração de Masuke.

Ele e ela eram um só.

*— Você não é humano. — Rosnou Macuso. — Isso aí... está te corroendo por dentro.*

*— Talvez. — respondeu Masuke, cuspindo sangue. — Mas vai te levar junto.*

Macuso avançou com um rugido demoníaco, abrindo os braços como garras.

Masuke girou as duas foices simultaneamente como hélices negras e então as cruzou, criando um arco de energia cortante que avançou como uma rajada curva.

Macuso se defendeu com os antebraços, foi lançado longe — quebrando o que restava de uma árvore ancestral.

Silêncio.

Masuke caiu de joelhos.

Tremia. O corpo exigia descanso.

Mas a alma... queria continuar.

E então — Macuso riu.

Surgiu lentamente entre a poeira, coberto de sangue, com os olhos mais pálidos e insanos do que nunca.

— Eu sabia...

— Você é como a gente.

— Está apenas esperando o momento certo... para despertar por completo.

A terra tremia.

As foices de Masuke dançavam como extensões de sua raiva.

Macuso, ofegante, mas faminto, agora lutava com a verdadeira essência da Destruição Demoníaca correndo por suas veias.

O mundo ao redor deles já não parecia real.

Cada golpe que trocavam rasgava o espaço, distorcia o ar, e enterrava ecos de morte no solo.

Macuso ergueu a mão esquerda.

— *Olho da Destruição... Segunda Camada.*

Seu olho esquerdo se abriu em chamas violetas, liberando uma aura que corroía tudo ao redor. Árvores secavam. O solo apodrecia. As próprias rochas derretiam.

Masuke avançou mesmo assim.

As duas foices em rotação total.

Um corte lateral da Foice Negra. Um gancho ascendente da Abissal.

Macuso desapareceu.

Reapareceu acima.

— *Chute Demoníaco: Ruína Infernal!*

O calcanhar caiu como uma guilhotina maldita. Masuke cruzou as foices no último segundo.

O impacto criou uma explosão de escuridão e sangue.

Ambos foram lançados em direções opostas.

Masuke rolou pelo chão, o corpo ardendo, costelas quebradas. As foices ainda presas nas mãos. A respiração falhava, mas o ódio o mantinha de pé.

Ele cuspiu sangue e gritou:

*— DUAL BLADE!*

As duas foices se fundiram por um instante, criando um corte cruzado que rasgou o campo de batalha em um X de pura energia sombria.

Macuso foi atingido.

Sangue jorrou do ombro ao quadril. A carne se abriu. O chão abaixo dele ruiu.

Mas ele apenas... riu.

*— Hahaha... ISSO!*

Os olhos agora brilhavam com a luz da insanidade.

Ele ergueu os braços para o céu.

*— RASTREAMENTO SOMBRIO!*

De seu corpo, dezenas de fios demoníacos brotaram e se espalharam como tentáculos vivos, cercando Masuke.

Masuke cortou cinco, seis, dez... mas mais vinham.

Eles agarraram seus braços, pernas, pescoço.

Macuso desceu.

Aterrissou à frente de Masuke, agora subjugado.

*— Lamento, garoto.  
— Você foi... interessante.  
— Mas está na hora de morrer.*

Macuso ergueu a mão direita.

Ela começou a se inflar, se transformar...

Era uma garra. Um braço bestial. A execução final.

E no instante em que a garra desceu — o céu explodiu.

*— GRAAAAAAAAHHHHHH!!*

Um rugido ancestral, brutal, bestial, cortou o campo.

Algo caiu do alto com velocidade absurda.

Drakom.

Totalmente coberto por escamas carmesim, com os olhos incendiados.

Não era mais o guerreiro de antes.

Era o DRAGÃO EM FÚRIA.

Ele colidiu com Macuso como um meteorito vivo, lançando-o contra uma montanha com tanta força que o impacto rachou o horizonte.

Masuke caiu de joelhos.

O corpo trêmulo. As foices desapareceram. Ele apenas sorriu fraco...

*— Você demorou, desgraçado...*

Drakom se pôs à frente dele.

Os punhos cerrados. As asas recém-manifestadas se abriram como lâminas demoníacas.

*— Agora...  
— É a minha vez de dançar com o Diabo.*

*Continua...*